

MACP / UFMT

Aline Figueiredo
Curadoria e organização

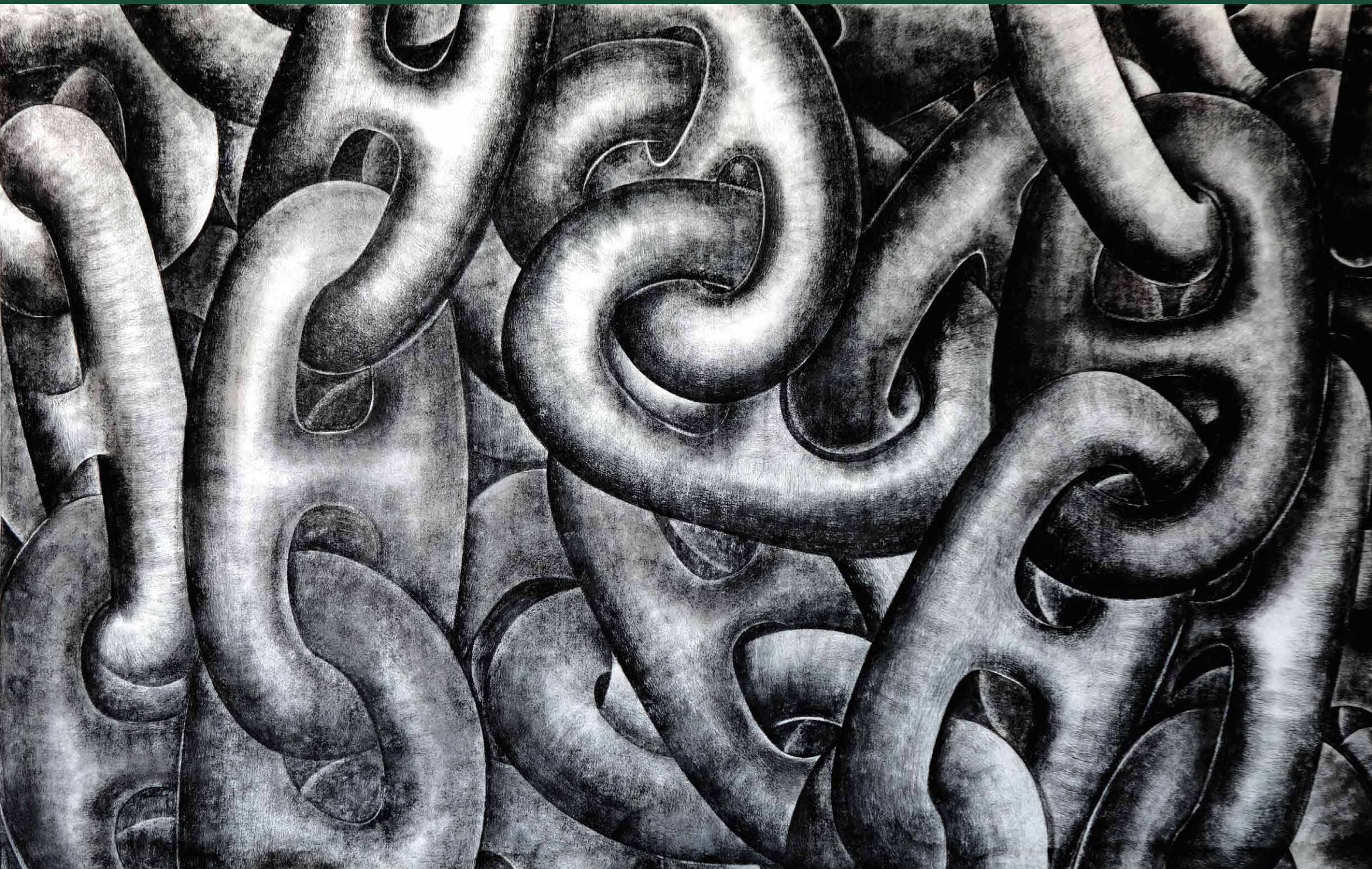
fogo cerrado

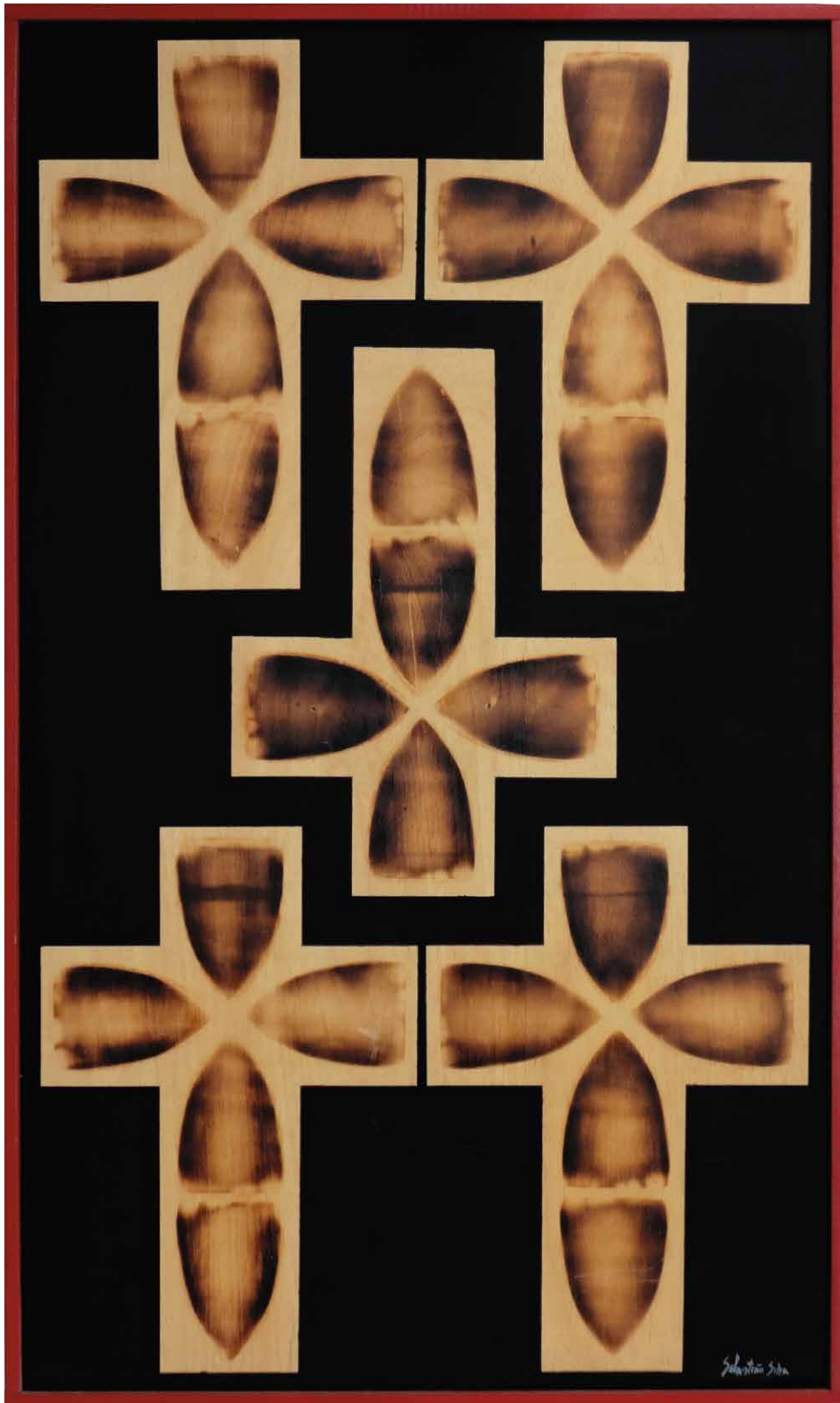
[SEBASTIÃO SILVA]



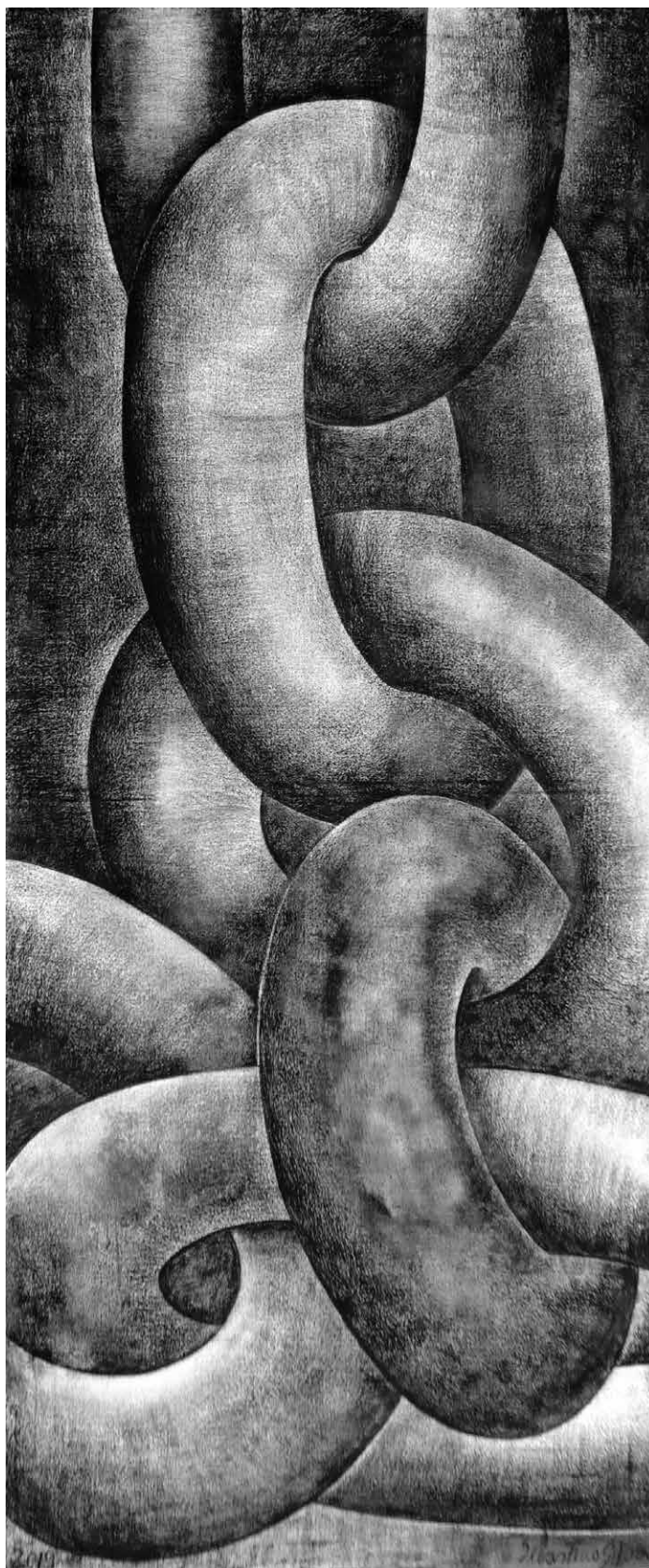
UFMT

› Correntão
[carvão sobre tela,
163 x 265 cm, 2019]





› *Cruzes* [madeira pirogravada e tinta esmalte, 140 x 83 cm, 2019]



› *Correntão II*
[carvão sobre tela,
250 x 100 cm, 2019]

Aline Figueiredo

Curadoria e organização

MACP / UFMT

fogo cerrado

[SEBASTIÃO SILVA]



UFMT



› *Queimada* [jato de fogo e acrílica sobre madeira, 96 x 50 cm, 2019]

O “Fogo cerrado” de Sebastião Silva no Jubileu de Ouro da Universidade Federal de Mato Grosso

A Exposição “Fogo Cerrado”, do artista plástico Sebastião Silva, aluno do Ateliê Livre de Artes da Universidade Federal de Mato Grosso, integra as comemorações do Jubileu de Ouro da nossa primeira instituição pública federal de ensino superior no Estado.

Esta nova fase de Sebastião Silva, estudante do curso de graduação em História da Universidade Federal, em defesa e alerta sobre a importância dos cuidados para com a natureza e em respeito à educação ambiental, deixa recados para todas as gerações e reafirma o significado da Universidade no papel de guardião dos ecossistemas da região: *Amazônia, Pantanal e Cerrado*.

Além desses aspectos, cabe ressaltar que o Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso (MACP/UFMT) fica mais rico com a exposição “Fogo Cerrado” pelo fato de receber em suas instalações um dos “Meninos do Pedregal”, Sebastião Silva, e por fortalecer a presença da cultura popular na trajetória institucional.

Aline Figueiredo, crítica de arte, descobridora de talentos e salvaguarda das artes, trabalha com esmero e dedicação, abre frentes para as artes, tornando-se, por tudo isso, merecedora do nosso maior reconhecimento e dos nossos calorosos aplausos. Que a trajetória de Sebastião Silva, descoberto pela Aline Figueiredo, continue coroadada de êxitos!

Profª. Drª. Myrian Thereza de Moura Serra

Reitora

Universidade Federal de Mato Grosso



› *Correntão III* [carvão sobre tela, 180 x 202 cm, 2019]

Ateliê Livre: Presente!

O Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso encerra as comemorações dos trezentos anos de Cuiabá com a exposição “Fogo Cerrado”, do artista plástico Sebastião Silva, que participou, ainda muito jovem, da “república” de artistas mato-grossenses oriundos do ventre do Ateliê Livre.

Sebastião Silva, cuiabano do bairro Quarta-feira, atual Alvorada, que depois do despejo, nos finais da década de 1970, para a construção da Estação Rodoviária de Cuiabá, passou a residir no Pedregal, tem muita história para contar sobre as artes inventadas e a trajetória das artes na Universidade Federal de Mato Grosso.

No Ateliê Livre Sebastião Silva teve como mentora a crítica de arte Aline Figueiredo, guardiã das artes mato-grossenses, que desde quando chegou na Universidade Federal de Mato Grosso levantou a bandeira em defesa da Cultura Popular e das Artes.

Neste final e começo de ano, o Museu de Arte e de Cultura Popular arde sob Fogo Cerrado, de Sebastião Silva, na sua primeira grande exposição individual, em defesa dos princípios que orientaram a criação da Universidade Federal, em 10 de dezembro de 1970 – a natureza.

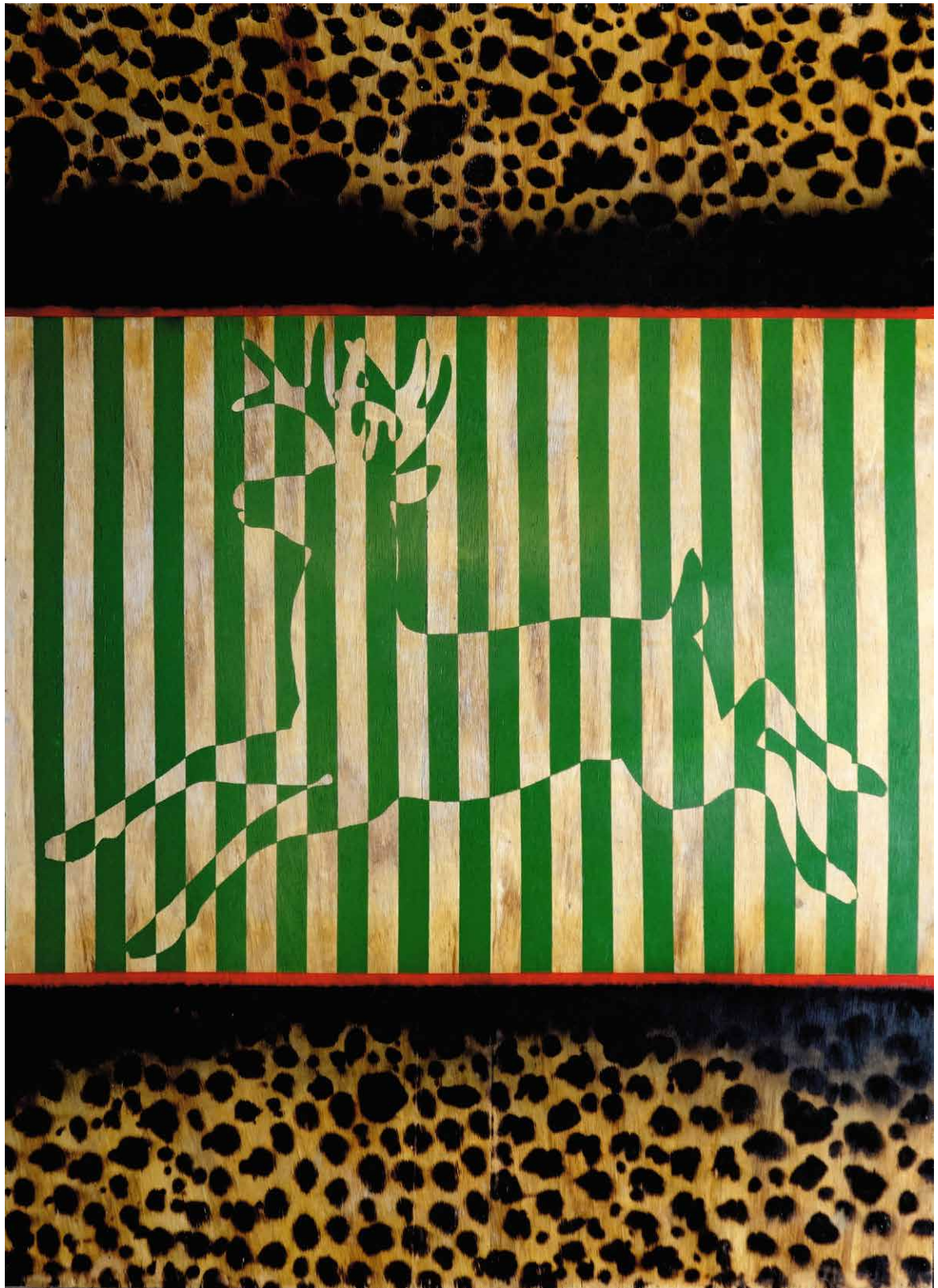
Com isso, o Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso mantém a tradição de salvaguarda das artes, da cultura popular e das tradições. E, Sebastião Silva, produto desta casa, reafirma também a defesa da natureza, com foco no Cerrado, que tem vivido em permanente “Fogo Cerrado.”

E, com “Fogo Cerrado”, terminamos 2019, desejando para o próximo ano mais arte, cultura e extensão, e um reatamento cada vez maior da Universidade Federal de Mato Grosso com a Comunidade.

Fernando Tadeu de Miranda Borges

Pró-reitor de Cultura, Extensão e Vivência da UFMTI

Primavera de 2019



› *Fuga* [madeira pirogravada e tinta esmalte, 199 x 149 cm, 2019]

Fogo cerrado

Fogo Cerrado é o título da mostra individual do artista Sebastião Silva, que se apresenta no Museu de Arte e de Cultura Popular (MACP) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). O Artista consegue nos convencer de que não há nada mais sério para ver, para pensar e para se considerar do que a defesa ecológica. A denúncia é o gatilho da agulha crítica do seu trabalho. A liberação da prática conhecida como *correntão* é um fato que materializa um grande retrocesso na preservação do meio ambiente.

Telas de grandes dimensões, desenhadas com carvão, enfocam enormes correntes usadas no desmatamento. Bem aproximadas, em close up, mostram a opressão total a ocupar o espaço formal. O artista dialoga e conceitua com a forma, com o espaço e com a técnica, o suporte da obra além da tela é também a madeira, testemunha do verde que se foi e do carvão que resultou.

Uma indústria americana de equipamentos agrícolas utiliza em seu logotipo a figura de um cervo saltando para cima com toda sua força genésica. É incrível a ironia dissimulada da marca em utilizar a força e a agilidade do animal, para avançar no seu próprio meio ambiente.

Sebastião Silva, 50 anos, frequenta o Ateliê Livre da UFMT desde 1981, quando ainda estava com 12 anos. É um daqueles meninos pintores do Pedregal, bairro contíguo ao campus universitário. O artista considera três fatos importantes na sua vida: o Ateliê Livre da UFMT, o curso de História na UFMT, o sítio de Jangada e o contato com a natureza. A rodovia que corta o município de Jangada com caminhões cheios de toras atesta o tráfego e o tráfico de madeira que há muito assola este velho Mato Grosso – são memórias de sua infância que agora estão vindo à tona.

Madeiras pintadas de amarelo e queimadas com maçarico lembram a pele da onça e da fauna que se esvai. Cruzes formadas com projéteis de balas são tristes paisagens literalmente feitas de cinzas e carvão. O artista experimenta uma vontade objectual e alguma inquietação escultórica a envolver toras e correntes.

É fogo cerrado na Amazônia! A falta de fiscalização promove o desmatamento, que promove o fogo que promove o tráfico, a desagregação do índio e a cruel devastação do meio ambiente. A obra de Sebastião Silva é um contra-ataque crítico a tal procedimento. Democracia e liberdade são um modo de pleitear a cidadania.

Aline Figueiredo

Crítica de arte e animadora cultural

Setembro de 2019

Carvão e cinzas

Nos últimos cinquenta anos a arte mato-grossense vem sempre marcando presença no processo contemporâneo da arte brasileira, com picos brilhantes, como por exemplo as coletivas “Brasil-Cuiabá: pintura cabocla” (1981) e “Percurso” (2014), para citar duas distantes no tempo. Podemos considerar esses eventos, e tudo que aconteceu entre eles, como marcas do longo, relevante e revelante trabalho do Museu de Arte e de Cultura Popular da UFMT. Mas o protagonismo sempre foi mesmo ocupado pela apresentação do talento de artistas surpreendentes, cujo rol é grande demais para ser aqui citado. É um fato histórico, tem bibliografia e já pode ser pesquisado pelos interessados.

Creio que o trabalho de Sebastião Silva é um desses picos da arte mato-grossense. Além do talento, nos apresenta qualidade técnica e inventividade, sempre na reflexão da crítica social, uma característica de nossas artes plásticas. Refletindo o momento, pela circunstância toda, pelos problemas dos incêndios, da devastação das florestas, o tema reatualiza sua universalidade e está presente em todas as mídias, mundialmente. Está também presente no ateliê de Sebastião Silva já há algum tempo, porque sendo uma pessoa de sítio, convive com a natureza e participou de todos esses fenômenos: queimadas maiores, menores, talvez até queimadas ingênuas que no passado só se usava para adubar a terra.

O artista apresenta um trabalho que nos associa imediatamente a uma arqueologia, pois ele desenterra fragmentos para obter matéria-prima para sua expressão. É um artista que vem dessa experiência, sempre observador, reparando nos objetos, sobras de madeira e raízes. Sempre gostou de cavucar paus enterrados e descobriu formas incríveis ao revelá-las, acariciá-las, e de certo modo, moldá-las através de uma lixa, uma plaina, sentindo ali uma sensualidade melhor para o tato de suas mãos. Enfim, um trabalho muito tátil também, além da visualidade.



› *Articulado*
[madeira entalhada,
três peças de 74 x 46 x 13 cm
(unid.), 2019]

Começou a pintar inspirado na cultura popular, a princípio violas de cocho, depois as violas de cocho se transformaram em corpos femininos, e agora voltaram à sua própria essência, raiz, àquilo que é a sua matéria-prima, a madeira. Assim ele foi se achegando à madeira, numa associação da madeira/arte como suporte de pintura, até à redescoberta da madeira que ele tinha no seu sítio, separando objetos, paus, troncos, serragens, folhas e toda sobra que encontrava. Mas não ficou aí, abriu um leque de comentários sobre os crimes ambientais nos contrapontos do seu trabalho. Pois também nos lembra a floresta em sua exuberância.

Atualmente Sebastião Silva faz graduação em história na UFMT, sua velha e conhecida instituição referência. Ali se encontra o Ateliê Livre frequentado por ele e outros jovens pré-adolescentes dos arredores que acabaram entrando para a história como “meninos do Pedregal”. Naquela ocasião a Universidade deu um carinhoso acolhimento ao bairro do Pedregal, que revelou importantes artistas como Adir Sodré e Nilson Pimenta, entre outros, e o próprio Sebastião Silva, ainda residente nesse ex-subúrbio que se agigantou na Cuiabá moderna.

Voltando à obra, há um foco muito claro e forte em prol do movimento ecológico, porque ele começou a trabalhar não só queimando a madeira – porque queimar a madeira é o mote – mas isto é o que está acontecendo. O artista pega o maçarico, começa a pontear na madeira e aparece a onça, ou melhor, suas pintas surgindo do nada, do próprio espírito da coisa. Justamente talvez o grande animal mais prejudicado em tudo isso, porque o seu espaço se reduz e ela precisa de caça. A onça é um símbolo brasileiro, é um arquétipo que significa respeito pelas reservas naturais. A onça é quem mais perde. Há um consenso coletivo em relação a esse símbolo armorial. E o Sebastião Silva trabalha esse aspecto da onça, e de outros animais silvestres. O trabalho dele tem um efeito surpresa com o uso do maçarico, com o queimado, com o carvão, as cinzas. Usa até o antigo ferro de passar roupas para marcar a madeira. Aí é que está a associação com a verdade, o lado cruel do sistema: a queimada, a selva pegando fogo.

O artista usa muito bem o carvão diretamente sobre a tela e nos apresenta umas correntes de proporções admiráveis. Impossível não reflexionar sobre a própria técnica carvão sobre tela, há um fino humor satírico na proposta. Além das grandes telas com correntes de efeito tridimensional, belas pinturas, o artista também realiza esculturas. As argolas ciclópicas entrelaçadas nos remetem a novas sensações de proporção e dimensões. A corrente tem um arquétipo terrível. Vai do homem prisioneiro ao próprio sistema, sempre escravidão, mas também vai abordar diretamente a verdade que o artista quer passar, as desconhecidas correntes que derrubam selvas, míticas correntes para prender gigantes. amarradas a dois traçadores, criando afiada linha de corte que vai derriçando florestas. Isso é totalmente dentro do momento, realidade do ano de 2019.

Entretanto, ainda sobram excelentes aspectos da obra. Me impressionou um trabalho que estava colocado bidimensionalmente e que continha uma pequena profundidade, mas bem adequada. Custei a perceber que era uma caixa, onde o artista reinventava o mesmo sistema das obras feitas em areia por artistas populares do Ceará com as falésias coloridas. Vi também garrafas no ateliê do Sebastião Silva, mas os quadros me remeteram a paisagens montanhosas, em preto e branco, cinza e carvão. As cinzas brancas que provêm da queima da lenha perpassam as granulações diferentes da moagem do carvão preparada pelo artista. Paisagens quase lunares, mas erodidas, muito mais mineiras. Aí a citação bate forte no conceito da mineração... Minas Gerais, destruição de montanhas, cicatrizes sobre a terra. Termina tudo em cinzas dentro de uma urna mortuária. Então, ele trabalha com as cinzas mortuárias da selva, da floresta, da natureza, da nossa civilização enferma. Isso para mim é algo ironicamente digno de nota, um aspecto que gostaria de realçar para ser observado na obra de Sebastião Silva. O conteúdo, pela matéria-prima por si só, já explica tudo para quem quer pensar.

Humberto Espíndola

Artista plástico, membro da ABCA

Setembro de 2019



› *Folha negra*
[carvão e jato de fogo sobre madeira,
102 x 69 cm, 2019]

Meio século de vida sob fogo cerrado

Em 2019, Cuiabá, minha terra natal, completou três séculos de fundação; eu, meio século de vida. Coincidentemente, neste mesmo ano, aguardo com expectativa o que considero a minha primeira grande exposição individual – Fogo Cerrado.

Considero o evento necessário e oportuno devido às questões ambientais terem retornado sob fogo cerrado aos debates, desencadeando uma polarização entre direita e esquerda, similar aos da década de 1950. Atualmente a luta é pela manutenção da economia do bem-estar social e da democracia. Enquanto isso, sentimos e assistimos a contínua degradação do orbe, habitat de todos os seus partidários.

Três ecossistemas ainda promovem a singular beleza do Estado de Mato Grosso – Cerrado, Pantanal e Amazônia. Longe de ser o “espetáculo tan bello”¹ capaz de ter encantado Bartolomé Bossi e outros na segunda metade do século XIX, o pouco que ainda nos resta da natureza resiste, apesar dos conceitos ocidentalistas de antes, que permanecem ainda mais vorazes nos projetos “desenvolvimentistas” de mundo. Até quando?

Derrubadas e queimadas das matas, poluição do solo, ar e rios, apropriações indevidas das terras indígenas, são alguns dos temas de reflexões desta exposição, municiada de poesias visuais, propondo uma ofensiva aos que continuam mazelandando o meio ambiente. Para tanto, nos últimos anos me dediquei a pesquisar e fazer experiências com materiais e suportes encontrados na região, que até então não faziam parte dos meus trabalhos artísticos, principalmente a madeira. Através delas esculpi, queime, pinte, recortei e cole, assim como, usei suas cinzas, carvão, folhas, serragem, com o objetivo de abordar as questões ambientais em novas poéticas.

É fogo cerrado em defesa da democracia! Fogo cerrado em defesa da cidadania! Fogo cerrado em defesa da vida na Terra! Fogo cerrado em defesa da liberdade! Fogo cerrado em defesa da história! Fogo cerrado em defesa da UFMT! Fogo cerrado em defesa do Cerrado, do Pantanal e da Amazônia!

Vivendo desde sempre “diante da exuberância da natureza, como não defendê-la?”², já interrogava a crítica de arte Aline Figueiredo, grande estrela guia.

Sebastião Silva

Setembro de 2019

1 GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Sertão, Fronteira, Brasil: Imagens de Mato Grosso no mapa da civilização*. Cuiabá: Entrelinhas/EdUFMT, 2012. p. 106.

2 FIGUEIREDO, Aline. *Arte aqui é mato*. Cuiabá: UFMT, 1990. p. 12.



Ricardo Miguel Carrión Carracedo

› *Paisagem* [carvão e cinzas, 46 x 46 cm, 2012]



Sebastião Silva

Sebastião da Silva do Nascimento – Cuiabá, MT, 1969.

Pintor e objetista. Na década de 1980 passa a frequentar o Ateliê Livre da UFMT. Entre outras, participou das coletivas: Momentos da República na Arte Mato-grossense, 1989; Revisitando o Ateliê (1999); Artistas do Século (2000); Projeto Labor (2005), Percurso (2014), todas realizadas no Museu de Arte e de Cultura Popular da UFMT. Participou também dos XI, XII, XXV Salão Jovem Arte Mato-grossense (1990/1991/2016); por ocasião do lançamento do livro *Arte aqui é mato*, de Aline Figueiredo, participa da coletiva do mesmo nome realizada no Museu de Arte de São Paulo (MASP, São Paulo) e no Museu de Arte Brasileira (Brasília), ambas em 1991; Bienal Naïfs do Brasil (Sesc Piracicaba, SP, 1994 e 2000); O Divino na Visão Ingênua (Sesc, Piracicaba, SP, 1995); Naïfs do Brasil (Galeria Sesc Paulista, São Paulo, SP, 1998); Pintando Cuiabá (Secretaria Municipal de Cultura, Cuiabá, 1998); Tradição e Arte Cuiabana (Palácio da Instrução, Cuiabá, 2002); Brazilian Naïfs Art From The Sesc Collection (Chicago, EUA, 2006); Projeto Gol Pintou a Copa em Cuiabá (Arte Pública, Cuiabá, 2010); Mostra Inaugural (Galeria Mirante das Artes, Várzea Grande, MT, 2014). Individualmente expôs na Fundação Cultural (Cuiabá, 1989); Filtrando Formas e Cores (Museu do Morro da Caixa D'Água Velha, Cuiabá, 2010).



› *Sem título* [madeira entalhada, 50 x 85 x 35 cm, 2018]

Universidade Federal de Mato Grosso

Myrian Thereza de Moura Serra

Reitora

Evandro Aparecido Soares da Silva

Vice-reitor

Fernando Tadeu de Miranda Borges

Pró-reitor de Cultura, Extensão e Vivência

Thania Monteiro de Arruda

Coordenadora de Cultura e Vivência

Maurício José Mota

Gerente de Projetos Culturais

Sílvia Aragão

Supervisora do MACP



› *Sem título* [madeira entalhada, 65 x 51 x 13 cm, 2018]

EXPOSIÇÃO FOGO CERRADO

Organização e curadoria

Aline Figueiredo

Coordenação geral, montagem e expografia

Amanda Gama • Rubens Florêncio

Thania Arruda • Willian Gama

Design gráfico

Maurício Mota

Colaboração

Anderson Nunes Ortiz (fotos)

André Balbino Ferreira

Humberto Espíndola

Equipe executiva – Alunos da UFMT

Andrews Fernandes Storque (Arquitetura e Urbanismo)

Ingrid Stefani Bonfadini Senha (Arquitetura e Urbanismo)

Maria Eduarda Cardoso Passos (Psicologia)

MUSEU DE ARTE E DE CULTURA POPULAR DA UFMT (MACP-UFMT)

Av. Edgard Vieira, s/nº, Cidade Universitária, Boa Esperança

Cuiabá-MT – CEP 78060-900 | Tel. (65) 3615 8367

e-mail: macp.museu@gmail.com

EDIÇÃO DO CATÁLOGO

Editora | Designer gráfico

Maria Teresa Carrión Carracedo

Revisão

Marinaldo Custódio

Arte-finalização

Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Assistente

Calebe Borralho



Av. Senador Metello 3773, Jardim Cuiabá – Cuiabá-MT

CEP 78030-005 | Tel. (65) 3624 5294

editora@entrelinhaseditora.com.br | www.entrelinhaseditora.com.br



Luizo Reis

